

A CIDADE EM FESTAS: SÍMBOLOS DE IDENTIDADES, LUGAR DE RESISTÊNCIA?³

CATHERINE BERNIÉ-BOISSARD
Université de Nîmes
catherine.bernie-boissard@wanadoo.fr

A cidade, como a vida, carnavalizou-se? Se concordássemos com Umberto Eco, com efeito, não haveria mais diferença entre o tempo da atividade e o tempo do jogo, e um tipo de uniformização lúdica da existência (ECO, 2006). Em analogia, pode-se falar de “carnavalização” da cidade por causa da multiplicação e diversificação dos eventos festivos? O número de festivais, manifestações ao mesmo tempo culturais e lúdicas, explodiu ao longo dos últimos anos na maioria das regiões francesas. Depois de um período pouco inventivo, após os anos 1980, novas festas aparecem, outras renascem.

PARTILHAS DA FESTA

Nas zonas periurbanas, elas sublinham a vontade de integração e a necessidade de tecer novos elos sociais. A festa partilha-se, não há festa solitária. Assim, a pequena comuna de Caissargues, periférica à cidade de Nîmes no Languedoc, cria sua Féria, festa da tourada, em 2000. Nos bairros dos grandes conjuntos, na França, a “*Fête des voisins*” [Festa dos vizinhos] é institucionalizada, sob o modelo dos Banquetes de bairros, nascidos em Toulouse em 1991 por iniciativa do grupo de música *Fabulous Trobadors*, como um “contrapoder” na lógica do anonimato, segundo seus organizadores. Os criadores da associação *Immeubles en fête* [Imóveis em festa], nascida em Paris ao longo dos anos 1990, querem “reforçar os elos de proximidade”. As associações dos prefeitos das cidades da França, como arrendadores sociais, patrocinam *Immeubles en fête*, que

³ Traduzido do francês por Igor Catalão. Revisão da tradução: Paul Claval.

é difundido em mais de 30 países e concerniu, em 2010, mais de dez milhões de pessoas (EUROPEAN, 2011). Em uma sociedade que atinge a “assíntota da urbanização generalizada”, segundo a fórmula de Marcel Roncayolo, a festa é solicitada por sua capacidade de reunir... “É como um grande raio de sol/um vento de loucura”, canta Michel Fugain (1972), “Venham dançar na rua/Não é mais proibido/É a festa”... a inovação diz respeito, geralmente, às associações, mesmo se as coletividades sustentam e sugerem as iniciativas. Em Nîmes, o *Carnaval des différences* [Carnaval das diferenças] foi fundado em 2000 por associações alternativas e culturais. Em Montpellier, a municipalidade criou “bairros livres” em 2004, cujo objetivo é favorecer a mestiçagem cultural e social, recriar a proximidade urbana. Com efeito, a festa é convocada para reforçar a coesão social dos espaços urbanos segregativos e segmentados. Cada onda migratória reforça o multiculturalismo, enriquece a festa de formas inéditas, como aquelas do Ano Novo chinês celebrado em várias cidades francesas.

Mas a festa tem ainda um sentido, quando ela está em todo lugar e o tempo todo: festa da música em junho, festa dos jardins em setembro, da ciência em outubro, das Luzes em dezembro em Lyon, da Mirabelle em Metz no mês de agosto, do mar em Brest, Arcachon ou Palavas o verão todo, da terra em Paris, do *escargot* nos Vosges, da castanha nas Cévennes, do touro em setembro em Nîmes, do livro em toda a França em outubro, dos museus, do cinema etc. São tantas manifestações de tal efervescência que um século de declínio não se deixa de forma alguma pressagiar.

Para os etnólogos, essa evolução se liga às mutações contemporâneas – notadamente nas migrações –, ao aumento do turismo, à industrialização das sociedades, contribuindo para reduzir o caractere ritualístico das festas em favor de seu caractere lúdico (BOISSEVAIN, 2009). Acrescenta-se que elas servem de reguladores de uma vida urbana monótona e serializada. De seu lado, o rural é erigido em “território da festa” para urbanos em busca de “autenticidade”.

Pode-se retomar a definição clássica da festa como “explosão intermitente” e “efervescência comum”, opostas à quotidianidade cujo excesso permite, ou mesmo ordena, a manutenção da ordem tanto quanto a regeneração da sociedade? Cabe considerar, com Roger Caillois (1939), que ela se reveste de um caractere sagrado, porque encarna os momentos mais intensos, mais transcendentos, da vida social, ou bem admitir que a festa contemporânea, banalizada, diversificada, se afastou disso em favor do divertimento e da convivialidade? Ela é, às vezes, um

instrumento ao serviço da valorização do território. Mas as festas calendáricas, mesmo despidas de seu sentido original, continuam a marcar o tempo e os ritmos das vidas individuais e coletivas. As festas em torno da escola ou da residência inventam lugares efêmeros de encontro, sempre a se atualizar. São momentos de ruptura em relação à vida ordinária, como as paradas do Orgulho *Gay* o são em relação à intolerância vivida no quotidiano. Mesmo o excesso, que é a lei própria da festa, a transgressão das normas, o consumo abusivo de álcool e drogas e o barulho são tolerados, embora enquadrados, regulamentados.

As grandes manifestações públicas mesclam cerimonial e mistura social. As comemorações do 14 de julho na França são um exemplo que, desde 1880, faz sucederem-se desfiles militares, bailes populares e fogos de artifício em todas as comunas. Símbolo da unidade nacional, celebrado pela primeira vez em 1790 (um ano após a queda da Bastilha), depois caído no esquecimento até a 3ª República, o 14 de julho é um arquétipo de festa institucionalizada incessantemente transbordada e reabastecida pelo entusiasmo e pela inventividade populares: em 1936 no momento do Fronte Popular, bem como em 1945 na Liberação... A festa é um momento de efervescência e alegria.

HERANÇAS E INOVAÇÕES

Numa sociedade urbana fragmentada, os eventos festivos são também uma válvula de segurança, o que explicaria sua proliferação. Eles sedimentam os papéis de válvula de escape, de contestação do poder, de subversão do quotidiano, de requalificação dos territórios, de valorização econômica... O carnaval, nascido na Europa urbana medieval, é um exemplo significativo. Exportado para todos os continentes com a colonização, ele combina heranças e inovações. Renasce onde havia sido proibido (Veneza), torna-se imagem-símbolo de uma cidade, de uma “arte de viver” (Rio de Janeiro), qualifica uma reivindicação identitária (Parada do Orgulho *Gay*). Os ingredientes da festa carnavalesca (pinturas, máscaras, inversão de poderes) permitem uma subversão momentânea dos papéis sociais, confortam o sentimento de pertencimento a uma cidade, uma comunidade... Sem que seja desnaturado, um tipo de reversão transforma, nos nossos dias, o carnaval em vetor de atratividade turística. As festas venezianas, que renascem no fim dos anos 1970, realçam o patrimônio da cidade.

Seu caractere contestatório não desapareceu. Assim, após as inundações que causaram o fechamento de empresas na cidade de Arles em 2005, o car-

naval é a ocasião de um processo público do personagem emblemático de *Caramentran*, acusado de “ter deixado 150 empregados da *Lustucru* desempregados”. Ele assume, assim, o papel de bode expiatório.

Os espaços comerciais são lugares privilegiados de realização da festa, que não é mais um prazer efêmero, mas uma gerência permanente da mercadoria, à maneira das festas calendáricas, para aumentar a clientela: Natal, *Halloween* [Dia das Bruxas] ou Páscoa, dia das mães, dos avós... são todos pretextos. Para a sociedade IKEA, a festa do solstício de verão na Suécia, “momento do ano em que pequenos e grandes dançam em torno de um mastro florido, brincam e decoram a casa com flores”, é um argumento publicitário para o mês de junho. Há poucas festas, locais ou nacionais, que não são mantidas pelas grandes marcas ou pelo comércio local...

A FESTA IDENTITÁRIA

A festa conserva uma capacidade simbólica de criar identidade. Assim, Nîmes é assimilada à Féria, festa do touro, nascida em 1952 por iniciativa dos círculos de toureiros. Suas associações lutavam desde o século XIX pelo reconhecimento das touradas. Em 1894, data simbólica, foi organizada, sob a proteção de Mistral, uma “tourada de protesto” pela legalização das corridas, esta obtida dois anos mais tarde. Foi o ano de 1951 que marcou o desfecho de um longo percurso. De fato, a modificação da lei Grammont, protetora dos animais, permitiu o reconhecimento das touradas, quando a “tradição ininterrupta pode ser invocada”.

A Féria de Pentecostes tornou-se uma das maiores festas na Europa e uma das imagens-símbolo mais legíveis da cidade, marcada tanto na arquitetura como na escultura pela imagem inversa de um protestantismo austero. Dos anos 1950 a 1970, a festa recupera as tradições identitárias da Camargue (corrida livre) e da Espanha, das quais se inspira. Exalta-se o *estrabord*, noção intraduzível, tipo de fervor popular ligado aos excessos de toda sorte, que toma a cidade durante a Féria. Ao longo dos anos 1980, quando as antigas atividades industriais desapareceram, sem ser substituídas, a Féria tornou-se emblemática, um instrumento de *marketing* territorial e símbolo de uma modernidade calçada na Espanha da *movida*. Ela perdeu o caractere popular que tinha no princípio, tendo-se instrumentalizado e profissionalizado a fim de rivalizar com as grandes manifestações europeias. Mas ela é ainda símbolo de identidade, duma

cidade que quer mostrar o movimento através da mudança da sua imagem. A marca do produto *Nîmes*, na competição interurbana que se afirma, é aquela da festa. Passou-se da identidade reivindicada à identidade sobretaxada.

Durante esse período, observa-se uma diversificação cultural e uma multiplicação dos eventos festivos nas cidades vizinhas: em Montpellier com os festivais de dança, de música ou cinema; em Arles com o *Festival des Suds*; Alès com os festivais de cinema ou da oralidade; Uzès com a dança... quando Nîmes se torna quase monofestiva. A partir dos anos 2000, a festa entra numa terceira fase, de transição. Ela não é mais identitária nem emblemática, mas reflete de algum modo a recomposição incerta da aglomeração no espaço regional. Essa festa com identidade inencontrável é ainda aquela da cidade-centro, num território que explodiu com a periurbanização e que está se reorganizando com a intermunicipalidade. Dividida entre lugares hierárquicos, de acesso público ou privado, ela produz divisões e segregações da sociedade local. De seu lado, a comunidade de aglomeração organiza uma série de festividades ao redor da imagem do touro, sem ligações com a festa de Nîmes. Essa dicotomia traduz a dificuldade de identificação de um território tornado multicomunal.

Por permitir a seus habitantes identificarem-se com uma geografia, a festa é unificadora de um território, produtora de símbolos. Num momento de intermunicipalidade, é às vezes um vetor de recomposição territorial. Assim, as festas de Bayonne são doravante festas bascas, o carnaval de Pau torna-se, nos anos 1990, o carnaval bearnês (GARAT, 2005).

Nas metrópoles, como Paris, é a multiplicação dos eventos (*Fête de la musique, Printemps des rues, Paris Quartiers d'été, Nuits Blanches*), dos desfiles que tomam o espaço público (*Techno Parade, Marche des Fiertés*), das festas ligadas ao multiculturalismo (*Fête indienne de Ganesh* ou *Belles Nuits du Ramadan*) que valoriza os lugares; para o prazer da festa, mas também para acompanhar a extensão dos projetos imobiliários, atrair a atenção dos investidores para os espaços em vias de requalificação (GRAVARI-BARBAS, 2006).

Em outro registro, ela acompanha ou legitima as transformações da morfologia urbana. O “Fórum Universal das Culturas”, organizado em Barcelona em 2004 com a UNESCO, responde a uma preocupação de reordenamento urbano sob o modelo dos Jogos Olímpicos de 1992, para os quais os novos bairros tinham sido edificadas. O evento destina-se a promover a comunicação entre as culturas, Em torno de jogos ligados à mundialização da economia. Aparece

como uma festa urbana de um tipo novo, entre Exposição Universal, Fórum de Davos, Fórum Social...

A indicação anual das Capitais Europeias da Cultura visa a valorizar a diversidade e os traços comuns dos países membros, a fim de reforçar o sentimento de pertencimento ao território comunitário (BALLESTER, 2009). Eleitas em 2004, Lille e Gênova fizeram da cultura e da festa um trunfo identitário de abertura e atratividade em longo prazo, quer a escolha tenha sido viver a cidade de outro modo (em Lille) ou cultivar a identidade urbana (em Gênova)...

LUGARES DE RESISTÊNCIA

Se a festa conserva uma capacidade simbólica de criar identidade, no mesmo movimento ela exprime as formas de resistência. No campo urbano, ela superpõe uma e outra. Na história urbana, a festa simboliza momentos fortes de resistência. Enfim, ela é uma forma de resistência da urbanidade confrontada com os desafios da modernidade.

A superposição entre identidade e resistência está frequentemente na origem das festas contemporâneas. Assim, vê-se que a Féria de Nîmes é, antes de tudo, uma reivindicação identitária por parte dos clubes de toureiros, mas também um símbolo de resistência em relação às autoridades nacionais.

Na sociedade contemporânea, o mercado classifica, separa, divide. Mas, em troca, como afirma Ulrich Beck (2003), ele suscita um fenômeno de solidarização. Na cidade, a festa é expressão da solidariedade, manifestação de solidarização. Ela reconhece e exalta as diferenças. *Total festum*, a festa occitana e catalã mantida pela Região Languedoc-Roussillon, enfatizou oficialmente, em sua primeira edição em 2006, os valores de abertura, pluriculturalismo, respeito às diferenças; desfecho de lutas e combates militares occitanos para resistir ao declínio da língua e da cultura occitana...

As *rave parties* em sua origem nos anos 1990, *free parties* (festas livres) hoje, são consideradas pelos participantes como “zonas autônomas temporárias” (*Temporary Autonomous Zones – TAZ*), lugares de partilha e recusa do mercantilismo. Regulamentadas pelo Estado a partir dos anos 2000, submetidas a declaração, elas não deixam de ser, para alguns participantes, manifestações de recusa da autoridade, principalmente pela busca da clandestinidade. A TAZ (zona autônoma temporária) é um momento de ação cuja forma efêmera garante a independência em relação ao Estado e ao sistema de mercado.

A festa é, simultaneamente, o tempo da vertigem (*ilinx*) e o tempo da competição (*agon*), como mostrou Jean Duvignaud (1991). É por isso que, com frequência, as formas iniciais de resistência são integradas às políticas públicas, como instrumento de coesão social, de unificação dos conflitos. O patrocínio de Imóveis em festa, rotulado pelos poderes públicos, ou a padronização dos eventos festivos nos subúrbios com as políticas da cidade são exemplos disso. Não obstante estar recuperada, a festa permanece subversiva, pois existe uma necessidade não satisfeita pelo mercado de romper com o anonimato, sobretudo nas cidades “de grande solidão”, como canta Michel Sardou. Ulrich Beck tem razão: nos nossos dias, a festa é o “antimercado”.

Ela é também um momento de resistência na história urbana. Jean Duvignaud associa-a aos períodos de ruptura entre duas civilizações, que se confrontam ou se sucedem no tempo, às mudanças políticas, como os primeiros dias de 1789, maio de 1968... ou a Comuna de Paris, proclamada em 27 de março de 1871 “num dia de festa revolucionária e patriótica, pacífica e alegre, de embriaguez e solenidade, de grandeza e alegria” (Jules Vallès). Retomando a ideia de Marx sobre a genialidade política do povo francês, capaz de lançar um desafio absoluto ao poder mais poderoso, Henri Lefebvre (1965, p. 21) enuncia que “o estilo próprio da Comuna foi aquele da Festa”.

Foi, antes de tudo, uma imensa, grandiosa festa, uma festa que o povo de Paris [...] oferece a si próprio e ao mundo. Festa da primavera na cidade, festa dos desertados e dos proletários, festa revolucionária e festa da Revolução, festa total, a maior dos tempos modernos, ela acontece primeiro na magnificência e na alegria.

Henri Lefebvre evoca uma festa da multidão em que o povo inunda as ruas “numa massa fraterna e quente, ele envolve aqueles que devem combatê-lo, os soldados do poder estabelecido”. É também a festa da reapropriação do espaço “(o povo) celebra suas bodas reencontradas com a consciência, com os palácios e os monumentos da cidade, com o poder que lhe tinha sido há muito subtraído”. É, enfim, uma festa do tempo e da duração, “uma longa festa, que vai do dia 18 de março aos dias 26 (eleições) e 28 de março (proclamação da Comuna) e mais além, com um cerimonial e uma solenidade magnificamente ordenados”. Se ela contém o drama desde o começo, ela torna-se tragédia, mostra também como “a cidade esparsa e dividida se tornou uma comunidade de ação” e como um “projeto revolucionário total”, “uma aposta vital e absoluta”

perfura parte por parte os véus da vida social costumeira... A cidade enquanto morfologia despoja a comuna da qual é forma política.

Enfim, a festa hoje é uma forma de resistência e de urbanidade, confrontada aos desafios da modernidade, por exemplo, nas operações de renovação ou de demolição-reconstrução de imóveis. Para os poderes locais, ela apresenta a oportunidade de criar um consenso ao redor de um evento conflituoso, como a demolição em bairros populares, geralmente efetuada antes de toda reconstrução. A ação de demolição, as festividades organizadas em torno da memória do bairro pertencem a esse registro. Para os habitantes, ela é a ocasião para reunir-se, para fazer ouvir sua voz. “Meu bairro resiste em festa”, proclama o cartaz anunciando a jornada de 27 de maio de 2007 contra o fechamento da escola da Coudraie, bairro de habitação social em Poissy (78)⁴, destinado à demolição, contra a opinião dos habitantes e malgrado uma resistência de três anos ao projeto de renovação.

Outro exemplo significativo é fornecido pela mutação dos comitês de bairro na história urbana de Nîmes de antes da Segunda Guerra Mundial até hoje. Com efeito, no começo do século XX, as primeiras formas de organização espacial tomavam a cor da festa. Cada bairro popular tinha seu comitê. A organização das primeiras manifestações coletivas, frequentemente inspiradas pelas tradições rurais, é um tipo de irrupção popular na urbanidade. Ela cria uma espacialidade lúdica que expande o espaço do trabalho e do hábitat, que subverte os limites impostos à vida quotidiana. Lugares de sociabilidade, como as tabernas, são criados em *garrigue*⁵, onde se dança no fim da semana... A primeira onda de urbanização das colinas leva ao seu desaparecimento ao longo dos anos 1950. A espacialidade lúdica e convivial deriva então da espacialidade social. O comitê de bairro torna-se porta-voz da reivindicação urbana num espaço em mutação, como o testemunha frequentemente o titular da associação: comitê de defesa dos interesses do bairro... Sob essa forma, ele desempenha um papel de contrapoder, suscetível de contestar a legitimidade da municipalidade, como é o caso da construção do grande conjunto de ZUP – *Zone à urbaniser en priorité* [zona para urbanização prioritária] – em 1965. A conquista da urbanidade continua sob outras formas após uma primeira fase em que a festa contri-

⁴ Número do Departamento de Yvelines. [N. T.]

⁵ Terreno árido de subsolo calcário da região mediterrânea e sua vegetação característica. [N. T.]

buiu com a afirmação do papel e do lugar da sensibilidade popular no espaço. O bairro torna-se um dos lugares por meio dos quais os assalariados vão tentar conquistar um direito à cidade. Esse dado permanece um traço permanente o original da aglomeração de Nîmes.

CONCLUSÃO

Se o conteúdo identitário da festa não deixa nenhuma dúvida, entretanto, será possível questionar o lugar da noção de resistência na ou nas festas. Pois a festa em si não existe; a multiplicidade intrínseca das formas e dos temas são acentuados na e pela sociedade contemporânea hiperfestiva. Na cidade, a festa contribui para tornar legível o território da vizinhança imediata ou do círculo de afinidade do bairro ou da intermunicipalidade. Ela valoriza o patrimônio, suscita novas representações, identifica percursos, inovadores ou memoráveis, brinca com o antigo e o novo, o sagrado e o profano, o real e o virtual, na medida em que as proibições são pouco numerosas e os rituais se tornam elementos da sociedade do espetáculo.

Na cronologia e no espaço urbanos, a festa sempre foi uma fonte de agrupamento, um lugar de subversão da ordem social, um momento de desconstrução. Foi dito que ela era o tempo da vertigem. Mas não seria uma “vertigem organizada”? Até que ponto a atração de uma festa se mede pelo grau de integração de seu caractere subversivo? As festas políticas, como a Festa da Humanidade, aquela da Luta Operária ou as d’A Rosa drenam um público que excede em muito os limites partidários, pois sabem associar, num mesmo “quadro” uma oferta ideológica e uma diversidade espetacular que responde às expectativas contemporâneas. Ademais, o próprio caractere “resistente” participa do fenômeno festivo: assim, a figura de Che Guevara tornou-se um atrativo para as manifestações radicalmente distanciadas de qualquer ideia de revolução... Essa contradição é inerente à economia de mercado. Entretanto, na dominação desse sistema gerador de conflitos e oposições, certamente não é possível acabar com a interpenetração das festas e das resistências.

Recebido em: 28/01/2011

Aceito em: 07/03/2011

BIBLIOGRAPHIE/BIBLIOGRAFIA

BALLESTER, Patrice. Barcelone, le forum universel des cultures 2004. Une fête globale pour une ville globale ? In: FOURNIER et al (Dir.). *La Fête au présent: mutations des fêtes au sein des loisirs*. Paris/Nîmes: L'Harmattan/Conférences universitaires de Nîmes, 2009.

BECK, Ulrich. *Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation*. Paris : Flammarion, Arto/Aubier, 2003.

BOISSEVAIN, Jeremy. A propos du renouveau des festivités publiques en Europe. Préface. In: FOURNIER et al (Dir.). *La fête au présent: mutations des fêtes au sein des loisirs*. Paris/Nîmes: L'Harmattan/Conférences universitaires de Nîmes, 2009.

CAILLOIS, Roger. *L'homme et le sacré*, Paris : Leroux, 1939.

DUVIGNAUD, Jean. *Fêtes et civilisations suivi de La Fête aujourd'hui*. Arles: Actes sud, 1991.

DUVIGNAUD, Jean. *Le Don du rien: essai d'anthropologie de la fête*. Paris: Stock, 1977.

ECO, Umberto. C'est trop du jeu: « Les bonnes feuilles de l'été ». *Le Monde*, Paris, 9 août 2006, extrait de A reculons, comme une écrevisse, Grasset, 2006.

GARAT, Isabelle. La fête et le festival, éléments de promotion des espaces et représentation d'une société idéale. *Annales de géographie*, Paris, n. 643, p 265-284, 2005.

GRAVARI-BARBAS, Maria. Paris en fête: territoires, acteurs et instrumentalisation de la ville festive. In: COLLOQUE INTERNATIONAL «LA FÊTE AU PRÉSENT, MUTATIONS DE LA FÊTE AU SEIN DES LOISIRS», 1^e, Nîmes, 14-16 septembre 2006. *Actes...* Nîmes: LABORATOIRE «MUTATIONS DES TERRITOIRES EN EUROPE» (MTE), 2006.

LEFEBVRE, Henri. *La Proclamation de la Commune de Paris*. Paris: Gallimard, 1965.